

Ancestralidade: um conceito importante para a cultura literária contemporânea

Ancestry: An important concept for Contemporary Literary Culture

Lêssa Cristina Viana Kirch¹

Fábio Almeida de Carvalho²

Resumo: Este artigo aborda a noção de ancestralidade, que tem sido um tema recorrente na literatura como forma de explorar as conexões entre passado e presente, identidades culturais e memórias coletivas. Na perspectiva literária, a ancestralidade é utilizada para construir narrativas que resgatam tradições, valores e experiências de gerações anteriores, influenciando a identidade dos personagens e a construção das tramas. Portanto, autores de diferentes culturas utilizam a ancestralidade para refletir sobre questões de pertença, herança cultural e o impacto das histórias familiares na formação do indivíduo.

Palavras-chaves: Ancestralidade; Yuxin; Herança cultural.

Abstract: This article discusses the notion of ancestry, which has been a recurring theme in literature as a way of exploring the connections between past and present, cultural identities and collective memories. From a literary perspective, ancestry is used to construct narratives that recover the traditions, values and experiences of previous generations, influencing the identity of the characters and the construction of the plots. Therefore, authors from different cultures use ancestry to reflect on issues of belonging, cultural heritage and the impact of family histories on the formation of the individual.

Keywords: Ancestry; Yuxin; Cultural heritage.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). Professora efetiva da SEED-RR. E-mail: lessa.cristinav@gmail.com. Orcid: 0009-0000-9124-063X.

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). E-mail: fabioalmeidadecarvalho@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0002-1986-6782.

Nos dias que correm, a noção de ancestralidade tem sido empregada na condição de instrumento de primeira importância, espécie de fio condutor essencial tanto no contexto de diferentes tipos de discursos de caráter político, social ético e estético, com o fim de fundamentar estratégias de afirmação de raízes culturais e identitárias de diversos grupos sociais minorizados no tecido social das nações modernas, quanto como instrumento de preservação da memória coletiva e da expressão espiritual de diversos povos ao redor do mundo.

A noção de ancestralidade se caracteriza pela pretensão de propor espécie de modalidade de conceituação com pretensões à possibilidade de transcendência as imediatas noções de tempo e espaço, haja vista que se propõe a, de certa maneira, conectar gerações passadas, presentes e futuras através de laços de continuidade e de herança cultural. Conforme bem ressalta Smith (2017, p. 22), “a ancestralidade se manifesta não apenas como um legado genético, mas como um conjunto de práticas culturais que moldam a identidade e a visão de mundo de uma comunidade”.

Segundo o dicionário Aurélio (Ferreira, 2004, p. 120), ancestral significa “1. Relativo a antecessores e antepassados. 2. Indivíduo do qual descendem outros indivíduos ou grupos; antecessor, antepassado”. Em consonância o dicionário online Michaelis (2023), define ancestralidade por “1. Qualidade de ancestral. 2. Tradição ancestral. 3. Legado de antepassados. 4. Linha das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família; proveniência de um povo”.

Puri e Cavalcante (2019, p. 82) firmam sobre ancestralidade:

[...] o resto de tudo aquilo que fomos um dia, faço parte de um povo que aqui já viveu... sou um resto de sangue que teima em queimar em minhas veias dizendo eu sou, eu sou, eu ainda sou [...] Meus ancestrais falam através de minha alma, na certeza de haver terra fértil para absorver as palavras, os cantos e todo conhecimento que não se calou! Os indígenas são pequenas obras de Deus para proteger sua criação. Foram afastados dessa missão, mas não se calaram e hoje ressurgem das cinzas como uma fênix.

Dessa forma, a ancestralidade vai além do que foi deixado, ensinado, aprendido, ou que se faz. Ela é porque foi feito, enraizado. Para Ribeiro (2020, s/n), a ancestralidade, enquanto princípio filosófico, possibilita reconhecer e continuar um legado que nasce a todo

tempo e se mantém vivo no pulsar de nossa existência materializada em diversas ações e oralituras.

Ou seja, os saberes passados de geração em geração, como a autora mesmo traz sobre crenças, mitos, histórias “desde a folha de pitanga para curar a febre”, que vai além do saber cientificamente comprovado, antes vem o saber natural dos mais velhos que utilizam raízes, folhas, para cura ou tratamento de enfermidades que dão resultados positivos, que tem eficácia comprovada (Ribeiro, 2020).

Em contraponto, Souza (2009), no trabalho intitulado “Etnicidade e ancestralidade, seus sentidos e significados nas narrativas de “gaúchos” migrados para Roraima”, destaca como a etnicidade e a ancestralidade são reivindicadas na formação da identidade regional sulina. Além disso, explora os processos de narratização do eu migrante e as estratégias de inserção na sociedade roraimense. De acordo com os entrevistados que responderam sua inteligência está no sangue, donde se depreende que a ancestralidade é herdada.

Já no livro *Caminhos para a cultura do bem viver*, Krenak (2020, p. 28), diz que:

Os nossos ancestrais não são só a geração que antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui, que, no caso da nossa cultura, foram os continuadores de ritos, de práticas, da nossa tradição.

Desse modo, ao explorar as relações mantidas entre ancestralidade e identidade cultural, torna-se evidente como as narrativas reconhecidas como ancestrais em contexto de sociedades minoritárias funcionam como pilares fundamentais na construção e afirmação de identidades individuais e coletivas. Tal como argumentado por Garcia (2019), “as histórias transmitidas de geração em geração não apenas fortalecem o senso de pertencimento, mas também resistem às forças de assimilação cultural que ameaçam a diversidade cultural”. Daí a importância que esse tipo de texto assume nos dias de hoje.

A ligação intrínseca entre ancestralidade e memória coletiva emerge como um tema central nas discussões sobre a preservação da diversidade humana em nossos dias, evidenciando-se, pois, na condição de práticas rituais e mitológicas, ou seja, enquanto tradições que funcionam como espécie de veículo capaz de conduzir a processos de preservação e de transmissão de conhecimentos acumulados ao longo dos tempos (Johnson, 2018, p. 50).

Dessa maneira é que a dimensão espiritual da noção de ancestralidade não pode ser subestimada, conforme observado por Leão (2016), que afirma que “rituais ancestrais não são meramente cerimônias, mas meios de comunicação com o divino e de conexão com as forças que regem a natureza e o cosmos”.

Nas artes e na literatura, a ancestralidade se revela como uma fonte inesgotável de inspiração e reflexão. Autores como Miranda (2009) exploram a profundidade das tradições indígenas através de suas obras, utilizando a narrativa como um instrumento para resgatar e recontextualizar a sabedoria ancestral dentro de um contexto contemporâneo. Esta prática não só fortalece a valorização das culturas tradicionais, mas também abre espaço para um diálogo intercultural que enriquece a diversidade cultural global.

No entanto, a recorrência da ancestralidade na literatura e nas artes não está isenta de desafios, especialmente quando se trata de apropriação cultural. A disseminação comercial e a deturpação de símbolos e práticas ancestrais podem levar à descaracterização e à banalização do seu significado original (Martins, 2020). Portanto, o debate sobre a apropriação cultural e os limites éticos de sua representação permanece crucial para a integridade das práticas e saberes ancestrais.

Este ensaio visa fazer uma análise crítica e reflexiva sobre a ancestralidade como um fenômeno multifacetado que transcende fronteiras e enriquece a compreensão global da diversidade cultural e espiritual.

Uma panorâmica sobre a noção de ancestralidade

A noção de ancestralidade é rica e multifacetada, haja vista que tem atravessado diversas culturas e contextos históricos, assim como tem servido como elo fundamental que conecta as gerações presentes às suas origens, fixadas no passado. Em um sentido mais amplo, a noção de ancestralidade pode ser entendida como o conjunto de valores, tradições, conhecimentos e práticas que são transmitidos ao longo dos tempos de uma geração a outra, criando uma ponte entre os antepassados e os seus descendentes. Segundo Antonacci (2013, p. 17)

[...] memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desterrados, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos [...]

Trata-se, pois, de conceito essencial para a afirmação dos conceitos de identidade cultural, memória coletiva, assim como para as estratégias coletivas em prol da preservação de práticas e saberes tradicionais em grupos minoritários ameaçados pela standardização das formas de conduta no mundo.

Com isso, pode-se dizer que a ancestralidade é um conceito vital para a compreensão e preservação das identidades culturais e das memórias coletivas de diversas comunidades em volta do mundo. Afinal, trata-se de noção que propicia às pessoas conectar os presentes às suas raízes históricas, oferecendo um meio de resistência cultural e espiritual a diferentes parcelas das populações no tecido social das nações. Contudo, é fundamental abordar a ancestralidade com respeito e profundidade, evitando sua apropriação superficial e comercial. (Martins, 2015)

Entretanto, como o ditado popular “o uso do cachimbo faz a boca torta”, o termo vem sendo usado, em certos contextos, de maneira abusiva, o que tem concorrido para o seu desgaste como categoria analítica e que pavimenta a predisposição para a ação social e política.

Daí que a valorização genuína da noção de ancestralidade exige, daqueles que a cultivam como estratégia de se colocar no mundo e agir sobre ele, uma espécie de reconhecimento das complexidades culturais e históricas que ela de fato representa, bem como também exige certo tipo de compromisso com a preservação cultural, além de respeito pelas tradições e pelos saberes ancestrais.

Ancestralidade e identidade cultural

A noção de ancestralidade está profundamente entrelaçada com a construção da identidade cultural de indivíduos e comunidades. A ancestralidade fornece uma base sólida sobre a qual as identidades são moldadas, permitindo que as gerações presentes mantenham uma conexão viva com suas origens históricas e culturais. Esse processo de conexão com o

passado é fundamental para a compreensão e a valorização das tradições, dos valores e dos conhecimentos herdados dos antepassados.

A transmissão de conhecimento e tradições através das gerações é um elemento central da ancestralidade. Almeida (2009, p. 112) observa que “a narrativa oral é uma forma de resistência e perpetuação das tradições ancestrais, onde a voz dos mais velhos se torna o fio condutor da história e da sabedoria comunitária”. Através da narrativa oral, os ensinamentos dos antepassados são preservados e transmitidos, garantindo que a cultura e os valores de uma comunidade sejam mantidos vivos.

A identidade cultural é, portanto, fortalecida pela contínua valorização e prática das tradições ancestrais. Esses elementos culturais, que incluem mitos, rituais, festas e práticas cotidianas, são vitais para a coesão e a solidariedade dentro das comunidades. Como afirma Ribeiro (2017, p. 54), “a literatura indígena contemporânea se posiciona como uma forma de resistência cultural, utilizando a ancestralidade como uma base para desafiar as narrativas coloniais e afirmar a autonomia e a dignidade dos povos originários”. A literatura e outras formas de expressão cultural atuam como veículos poderosos para a preservação e a revitalização das identidades culturais, promovendo um sentido de pertencimento e continuidade histórica.

Além disso, a ancestralidade é um tipo de noção/conceito que se apresenta como uma eficiente estratégia de resistência contra processos aligeirados de assimilação cultural e de perda de identidade. Em contextos em que a globalização e as influências externas ameaçam diluir as culturas locais, a reafirmação das tradições ancestrais tem se tornado um ato de resistência e, porque não dizer, de empoderamento. Ao se fortalecer com defesa da sua “ancestralidade” certas comunidades minoritárias pavimentam uma base sólida sobre a qual podem afirmar suas identidades culturais únicas, resistindo às pressões dos processos de homogeneização cultural que tanto afetam as populações em nossos dias.

No livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, Krenak (2009), um dos mais proeminentes defensores da cultura indígena no âmbito da cultura brasileira, reflete sobre a importância da consciência em relação à ancestralidade para a afirmação de identidades culturais de grupos minoritários. Essa perspectiva espiritual em relação à ancestralidade reforça a importância de práticas e rituais que honram os antepassados. Essa estratégia de manter a ligação com as gerações passadas, ao mesmo tempo que fortalecendo as identidades

culturais, ajuda a marcar um lugar específico para as culturas minoritárias no conjunto das manifestações culturais em seu espectro mais amplo.

Dessa perspectiva, as artes verbais produzidas pelos povos originários americanos se tornam exemplares sobre como a ancestralidade pode ser utilizada para fortalecer a identidade cultural. Em obras como *O Karaíba* e *O Sinal do Pajé*, Daniel Munduruku, outro importante escritor indígena brasileiro, explora a riqueza cultural e a sabedoria ancestral dos povos indígenas do Brasil. Munduruku (2006) enfatiza a importância de preservar e transmitir esses conhecimentos, mostrando como a literatura pode ser um meio poderoso de revitalizar as tradições culturais e fortalecer as identidades coletivas.

A valorização da ancestralidade como um componente central da identidade cultural não é apenas uma questão de preservação, mas também é questão de reconhecimento e respeito. Daí a fundamental importância de que as sociedades contemporâneas reconheçam a importância das tradições ancestrais de povos silenciados pelo processo político de construção das nações modernas, a fim de que se possa apoiar os esforços para fins de mantê-las vivas. Isso envolve não apenas a preservação das práticas culturais, mas também a criação de espaços onde as vozes das comunidades tradicionais possam ser ouvidas e valorizadas.

Ancestralidade e memória coletiva

A ancestralidade também está intimamente ligada à memória coletiva, funcionando como um repositório de experiências, histórias e ensinamentos que moldam a compreensão coletiva de uma comunidade sobre seu passado.

A relação entre ancestralidade e memória coletiva é essencial para entender como os grupos humanos constroem e preservam suas identidades ao longo dos tempos. A memória coletiva se refere ao conjunto de lembranças compartilhadas por um grupo ou comunidade, que moldam sua compreensão do passado e influenciam suas práticas culturais e sociais no presente. Nesse contexto, a ancestralidade desempenha um papel crucial como um repositório de experiências, valores e tradições transmitidas de geração em geração.

Maurice Halbwachs, em sua obra clássica intitulada *A Memória Coletiva* (2006), argumenta que a memória coletiva é construída socialmente e sustentada pela transmissão intergeracional de conhecimento e experiências. Para Halbwachs (2006, p. 54), “os indivíduos

não recordam o passado por conta própria; eles recordam o que a sociedade lhes permite recordar, através de práticas e rituais que mantêm vivas as lembranças coletivas”. Assim, a ancestralidade atua como um canal através do qual a memória coletiva é preservada e renovada, garantindo que as histórias e os ensinamentos dos antepassados sejam transmitidos de forma contínua.

A preservação da memória coletiva através da ancestralidade não se limita apenas à conservação do passado, mas também serve como uma fonte de legitimação e continuidade para as comunidades. Segundo Connerton (1989, p. 23), “rituais de reencontro e encenação são meios pelos quais a memória coletiva é articulada e renovada, reafirmando a conexão dos indivíduos com suas tradições ancestrais”. Esses rituais não apenas evocam lembranças do passado, mas também reforçam a identidade coletiva ao celebrar e reafirmar os vínculos com os antepassados.

A ancestralidade também desempenha um papel significativo na construção de narrativas históricas alternativas e na resistência contra narrativas hegemônicas. Através da reinterpretação de mitos e histórias ancestrais, essas comunidades reivindicam um espaço para suas próprias histórias e perspectivas dentro do panorama cultural mais amplo (Ribeiro, 2017).

A importância da ancestralidade na preservação da memória coletiva pode ser vista também na valorização de práticas e rituais que honram os antepassados. Krenak (2019, p. 29) reflete sobre como “a conexão com os ancestrais é uma forma de acessar um conhecimento profundo sobre a vida e o universo, que transcende a compreensão meramente racional”. Essa conexão espiritual não apenas fortalece a identidade cultural, mas também proporciona um sentido de continuidade histórica e espiritual para as comunidades que mantêm viva essa tradição.

Em resumo, a ancestralidade desempenha um papel fundamental na preservação e renovação da memória coletiva, fornecendo um arcabouço cultural e espiritual através do qual as comunidades constroem sua identidade e resistem às pressões de assimilação cultural. Ao manter vivas as tradições e histórias dos antepassados, as comunidades não apenas afirmam sua singularidade cultural, mas também contribuem para a diversidade e a riqueza do patrimônio cultural global.

Ancestralidade e espiritualidade

Em muitos contextos, a ancestralidade tem um componente espiritual significativo. Para diversas culturas, os ancestrais são considerados guias e protetores espirituais, cuja sabedoria e força continuam a influenciar a vida dos descendentes.

A relação entre ancestralidade e espiritualidade transcende o aspecto material e histórico, adentrando dimensões profundas de conexão espiritual e cosmológica. Para muitas culturas ao redor do mundo, os ancestrais não são apenas figuras do passado, mas também são vistos como guias espirituais cuja sabedoria e presença continuam a influenciar as vidas dos descendentes no presente.

Ailton Krenak, em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), oferece uma visão sobre como a ancestralidade se entrelaça com a espiritualidade. Essa perspectiva espiritual não apenas fortalece a identidade cultural, mas também estabelece uma ligação íntima com as forças espirituais que permeiam o mundo natural e sobrenatural.

Além disso, a espiritualidade da ancestralidade é muitas vezes manifestada através de rituais e práticas que honram os antepassados. Segundo Turner (2017, p. 88), “os rituais de veneração dos ancestrais são essenciais para manter o equilíbrio e a harmonia entre o mundo dos vivos e dos mortos, garantindo a continuidade da comunidade e o bem-estar espiritual”. Esses rituais não apenas fortalecem os laços comunitários, mas também reafirmam a importância espiritual dos antepassados na orientação e proteção das gerações futuras.

Para as comunidades que praticam a espiritualidade da ancestralidade, os ancestrais são vistos como guardiões da sabedoria ancestral, cujas experiências e ensinamentos oferecem orientação moral e prática para lidar com os desafios contemporâneos. Como observa Smith (2005, p. 112), “a ancestralidade não é apenas um passado distante, mas uma presença viva que permeia a vida cotidiana e orienta decisões importantes através da consulta a oráculos e rituais de adivinhação”. Essa consulta aos ancestrais não se restringe apenas às questões individuais, mas também abrange decisões comunitárias e políticas, demonstrando a centralidade da ancestralidade na governança espiritual e social de uma determinada comunidade.

Além disso, a dimensão espiritual da ancestralidade é, muitas vezes, também celebrada mediante a realização de festivais e de cerimônias que marcam momentos significativos no ciclo de vida das comunidades que cultivam formas de vida tradicional. Segundo Rodriguez

(2014, p. 75), “os festivais de homenagem aos ancestrais não são apenas ocasiões de celebração, mas também momentos de renovação espiritual e cultural, onde as conexões com o passado são renovadas e fortalecidas”. Com isso o autor quer dizer que esses eventos não apenas promovem a coesão social, mas que também revitalizam o senso de identidade cultural e espiritual das comunidades.

Em resumo, a espiritualidade da ancestralidade é uma manifestação profunda e multifacetada das conexões espirituais entre as gerações passadas, presentes e, quiçá, futuras. Ela não apenas fortalece a identidade cultural e a coesão comunitária, mas também oferece uma fonte de sabedoria e orientação espiritual que é crucial para o bem-estar e a continuidade das comunidades ao redor do mundo.

A noção de ancestralidade na literatura e nas artes

A noção de ancestralidade é frequentemente explorada na literatura e nas artes como uma forma de preservar e celebrar as tradições culturais. Autores e artistas de comunidades tradicionais utilizam suas obras para transmitir histórias, mitos e conhecimentos ancestrais. Munduruku (2006), em suas obras literárias, explora a riqueza cultural e a sabedoria ancestral dos povos indígenas do Brasil, enfatizando a importância de preservar e transmitir esses conhecimentos.

A presença da ancestralidade na literatura e nas artes se manifesta como uma forma poderosa de preservação cultural e resistência identitária. Autores e artistas frequentemente exploram temas relacionados aos antepassados, utilizando narrativas e representações artísticas para reconectar as gerações contemporâneas com suas raízes históricas e culturais. Essa prática não apenas fortalece a identidade cultural, mas também desafia narrativas dominantes e, ademais, promove a diversidade cultural.

Na literatura, a ancestralidade muitas vezes é representada através da reinterpretação de mitos e histórias tradicionais. Mia Couto, renomado autor moçambicano, exemplifica esse uso ao incorporar elementos míticos e históricos de Moçambique em suas obras. Em seu romance *Terra Sonâmbula*, Mia Couto explora a conexão espiritual com os antepassados através das histórias contadas por personagens que buscam ressignificar suas identidades em meio ao contexto pós-colonial.

Sobre a questão, ele escreve: “A história dos antepassados se mistura à nossa própria história. Somos o eco das vozes que vieram antes de nós, buscando compreender nossas origens em meio ao caos do presente.” (Couto, 1992, p. 76). Essa citação evidencia como a literatura pode ser um veículo para reconstruir e revitalizar narrativas ancestrais, oferecendo novas perspectivas sobre a identidade cultural e a história coletiva de comunidades que cultivam modos de vida tradicionais.

Nas artes visuais, a ancestralidade é frequentemente explorada através de representações simbólicas e de rituais de celebração. Em suas pinturas, a artista indígena brasileira Tarsila do Amaral incorpora elementos estilizados da arte pré-colonial e do folclore brasileiro, reimaginando o passado ancestral em um contexto contemporâneo. Segundo Silva (2010, p. 45), “Tarsila do Amaral utiliza cores e formas que evocam a espiritualidade e a força dos antepassados, criando uma ponte entre o passado e o presente através de sua arte”. Muitos artistas indígenas de nossa época, dentre eles se destaca Jaider Esbell, se manifestam por meio das artes visuais, dando conta de como as culturas indígenas são ricas em termos de representação simbólica.

Além disso, a literatura e as artes visuais oferecem espaços para vozes marginalizadas reivindicarem suas heranças culturais e desafiar estereótipos impostos. Como observado por Said (1978, p. 112), “a literatura e as artes são formas de expressão que permitem às comunidades reafirmarem sua dignidade e resistirem à homogeneização cultural”.

Portanto, a presença da ancestralidade na literatura e nas artes não só enriquece o patrimônio cultural global, mas também fortalece a resiliência e a autenticidade das identidades culturais. Ao explorar e celebrar as tradições ancestrais, os criadores contemporâneos contribuem para um diálogo intercultural enriquecedor, promovendo o entendimento mútuo e a valorização da diversidade cultural.

A presença da ancestralidade na literatura e nas artes, especialmente no contexto das culturas tradicionais indígenas revela-se como uma forma profundamente enraizada de preservação cultural, resistência e renovação identitária. Para os povos indígenas, a ancestralidade não é apenas um conceito histórico, mas um elemento essencial que permeia suas práticas culturais, artísticas e espirituais, oferecendo uma conexão contínua com suas raízes e um guia para a manifestação de suas identidades no nosso mundo e no tempo contemporâneo.

Podemos observar que a emergência e as formas de existência e de circulação do fenômeno denominado literatura indígena contemporânea segundo Carvalho (2021, p. 145) resultam de

[...] um processo que, embora de abrangência transnacional, apresenta lastro histórico razoavelmente recente. Inscrito na ordem do político e do cultural, esse processo foi estruturado em torno de uma ampla agenda humanitária caracterizada, sobretudo, pelo comprometimento com o combate a todo tipo de violência cometida contra grupos minoritários e subalternizados no tecido social das nações modernas.

É importante identificar que, no Brasil, desde os anos de 1980, a uma tendência mais resiliente no que tange as manifestações culturais, onde as mesmas demonstram um forte sentimento de “solidariedade, dirigido à preservação de sua cultura” em que acabaram por ganhar um forte levante com o aparecimento de um lento processo de redemocratização em que o país passava em que o ponto máximo se deu com a promulgação da constituição de 1988. Esse acontecimento acaba por ser o mais importante para o processo de fortalecimento da cultura de matriz indígena no Brasil (Carvalho, 2021).

Nesse processo, vale ressaltar que os escritores acabaram por se engajarem nos movimentos sociais indígenas, logo se propuseram a realizar um resgate das memórias dos antepassados. Tal fato acabou desencadeando a busca dos mesmos por representar os laços de ligação que conservam com o universo de suas culturas e comunidades originárias. Kambeba (2018, p. 39), referir-se a esse fenômeno quando afirma: “com a escrita nasce a literatura indígena, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência”. Pode-se perceber um esforço conjunto com vistas a reformar a imagem negativa construída sobre as populações indígenas brasileiras ao longo da história (Carvalho, 2021).

Na literatura indígena contemporânea, autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Graça Graúna, Cristino Wapichana têm desempenhado um papel de crucial importância ao recontar mitos e histórias ancestrais, adaptando-os para os desafios e as realidades contemporâneas. Munduruku (2006) explora em suas obras a riqueza espiritual e cultural dos povos indígenas brasileiros usando a literatura como uma ferramenta para transmitir conhecimentos ancestrais e reafirmar a importância da cosmovisão indígena na sociedade contemporânea.

Assim, a emergência e disseminação dessa produção literária indígena na atual cena cultural não são apenas resultado da adoção da escrita alfabética, mas também da incorporação de novas tecnologias por um número crescente de indivíduos que pertencem a culturas tradicionalmente baseadas na oralidade. Glissant (1996, p. 48) já tinha antecipado que o avanço das tecnologias de comunicação permitiria uma convergência entre o mundo letrado, voltado para a oralidade das “novas mídias e as comunidades tradicionais que despontam na grande cena do mundo”. Essas palavras proféticas do escritor martinicano são extremamente relevantes hoje em dia, especialmente quando as transmissões ao vivo de escritores indígenas se tornaram não apenas frequentes, mas também muito procuradas durante a pandemia. Nesse período, os indígenas têm aprendido a usar as redes sociais para promover suas causas, lutas, artes e culturas (Carvalho, 2021).

Um exemplo marcante dessa abordagem pode ser encontrado na obra *O Sinal do Pajé* (2006), obra que resgata narrativas tradicionais para explorar temas como a relação sagrada com a natureza, a sabedoria dos anciãos e a resistência das populações minoritárias que cultivam formas tradicionais de vida frente à colonização cultural. Ao fazer isso, Munduruku não apenas fortalece a conexão das comunidades indígenas com suas tradições ancestrais, mas também desafia narrativas dominantes e reafirma a relevância cultural contínua dos povos indígenas na sociedade brasileira contemporânea. Trata-se, como se percebe, de uma ação cultural da maior importância para que se possa pensar em formas de fazer justiça histórica com os povos indígenas brasileiros.

Carvalho (2021, p. 154) afirma que,

foi por conta de um vigoroso desenvolvimento de processos educacionais impulsionados pela nova ordem legal que, na década de 1990, tomou impulso a produção coletiva de textos indígenas. No chão da escola das comunidades, estudantes e professores indígenas passaram a produzir com profusão materiais didático-pedagógicos tanto em línguas indígenas quanto em língua portuguesa. É nesse contexto, tão complexo quanto contraditório – haja vista que, por um lado, fixa o compromisso com o “resgate” e o fortalecimento das tradições e dos conhecimentos ancestrais de base oral, e, por outro, nutre a necessidade e o desejo de apropriação da escrita –, que desponta o fenômeno que se costuma designar de literatura indígena contemporânea no Brasil.

No campo das artes visuais, artistas como Bené Fonteles, Denilson Baniwa e Jaider Esbell, dentre tantos outros que atuam nesse campo da expressão artística, têm utilizado suas

obras para explorar e celebrar as diferentes ancestralidades indígenas através de representações simbólicas e de rituais de renovação espiritual. Fonteles, por exemplo, incorpora elementos das cosmologias amazônicas em suas fotografias e instalações, oferecendo uma interpretação contemporânea das tradições indígenas que ressoa tanto espiritual quanto esteticamente junto a seu público (Fonteles, 2015).

Além disso, a arte indígena contemporânea não se limita apenas à representação visual, mas também inclui performances, música e dança que reafirmam a importância dos rituais ancestrais na vida cotidiana e nas celebrações comunitárias. Essas expressões artísticas não apenas mantêm vivas as tradições culturais indígenas, mas também oferecem uma plataforma para que as vozes indígenas sejam ouvidas e valorizadas em um contexto global cada vez mais diverso e interconectado.

Nessa perspectiva Carvalho (2021, p. 167) descreve:

Essas manifestações naturais da arte verbal indígena se apresentam numa profusão de gêneros que vão desde contos etiológicos, passando por narrativas de fundo mítico e lendário, bem como por diversos tipos de cantos, entre outras formas rituais e artísticas próprias das culturas indígenas. Entre outras funções, as manifestações desse tipo de texto servem para acompanhar diferentes formas de dança; mas também são empregados para outros fins: ora, servem para preencher o tempo com puro entretenimento, oferecendo diversão a grupos de parentes reunidos; ora servem para fins de repasse de conhecimento etiológico: para explicar a forma da curva de um rio ou a forma específica de uma determinada cascata; ou, ainda, um traço físico de um certo pássaro ou de outro animal particular qualquer; ora funcionam também para repassar ensinamento sobre diferentes aspectos das culturas de cada povo. Nesse caso servem para ensinar como proceder ao fazer coisas como pescar, caçar, construir casas e canoas, mas também como destocar, coivarar e plantar roças, e como cuidar da placenta do recém-nascido, para que ele não seja atacado por espíritos malévolos, dentre outras coisas; ora ainda servem para apoiar a realização de atos rituais com valor terapêutico (que se prestam não apenas para fins de benzimento e de cura, mas também para estragar as pessoas). Eis interessante ponto, em que arte verbal e puçanga, magia e mandinga, se encontram.

Portanto, a ancestralidade na literatura e nas artes, quando vista através da lente das culturas tradicionais indígenas, não apenas enriquece o patrimônio cultural global, mas também fortalece a autoestima e a identidade das comunidades indígenas. Ao preservar e revitalizar as narrativas ancestrais, tanto na palavra escrita quanto na expressão visual, os

criadores indígenas contemporâneos contribuem para um diálogo intercultural enriquecedor, promovendo a compreensão mútua e o respeito pela diversidade cultural humana.

A noção de ancestralidade tem se tornado uma referência fundamental na definição da literatura dos povos originários e de cultura tradicional nos dias atuais. Essa recorrência não é apenas uma tentativa de preservar e valorizar tradições, mas também uma forma de resistência cultural e política frente às influências coloniais e à globalização. A ancestralidade, em sua essência, conecta os povos a suas raízes históricas, culturais e espirituais, oferecendo um meio de transmitir conhecimentos e valores através das gerações.

A ancestralidade desempenha um papel central na construção da identidade cultural e na preservação da memória coletiva. Esse processo de transmissão de conhecimento é fundamental para a manutenção das culturas originárias, permitindo que as novas gerações compreendam e valorizem suas heranças culturais (Almeida, 2009).

Além de sua função cultural e identitária, a ancestralidade é frequentemente invocada como um meio de resistência. Nesse contexto, a literatura serve não apenas como um registro histórico, mas também como um manifesto político, contestando a marginalização e a opressão histórica sofrida por esses povos (Ribeiro, 2017).

Tal como afirmamos, autores como Daniel Munduruku e Ailton Krenak exemplificam essa utilização da ancestralidade em suas obras. Krenak, por sua vez, em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* reflete sobre a conexão dos povos indígenas com a natureza e a ancestralidade, propondo uma visão de mundo que valoriza a sustentabilidade e a harmonia com o meio ambiente (Krenak, 2019, p. 29).

Contudo, o uso recorrente da noção de ancestralidade também pode levar ao seu desgaste, especialmente quando apropriada de maneira superficial e comercial. Gomes (2018, p. 45) critica a comercialização da ancestralidade, afirmando que “o valor simbólico e espiritual das práticas ancestrais é diluído em produtos de consumo”. Isso ocorre quando o termo é utilizado para agregar valor a produtos e marcas, sem a devida contextualização ou respeito pelas culturas de origem.

No entanto, o conceito de ancestralidade enfrenta desafios contemporâneos, especialmente no que diz respeito à sua apropriação e comercialização. Quando a ancestralidade é usada de maneira superficial ou descontextualizada, há um risco de esvaziamento de seu significado profundo e uma banalização de práticas culturais importantes (Gomes, 2018).

Nos últimos anos, o termo ancestralidade tem sido amplamente adotado em diversos contextos, muitas vezes de maneira superficial e descontextualizada. Esse uso excessivo pode levar à banalização do conceito, diluindo seu significado original e esvaziando sua profundidade cultural e espiritual. Como observado por Santos (2020, p. 78), “a ancestralidade tem sido frequentemente invocada de maneira indiscriminada, perdendo seu valor simbólico e sendo reduzida a uma mera moda intelectual”.

A banalização da ancestralidade ocorre quando o termo é utilizado de forma genérica para descrever qualquer conexão vaga com o passado ou com tradições culturais, sem um entendimento real das práticas e significados que ele engloba. Isso pode resultar na apropriação indevida de símbolos e rituais ancestrais por parte de indivíduos ou grupos que não têm vínculos autênticos com as culturas de origem.

Além disso, a comercialização da ancestralidade contribui para sua banalização, transformando práticas espirituais e culturais significativas em produtos de consumo. Como ressalta Silva (2019, p. 112), “a mercantilização da ancestralidade transforma tradições profundas em produtos de mercado, desvinculando-as de seus contextos históricos e espirituais originais.”

Para combater essa tendência, é essencial promover um uso responsável e respeitoso do termo “ancestralidade”, valorizando seu significado genuíno dentro das culturas que o praticam. Isso inclui educar sobre a importância da contextualização cultural e do respeito às comunidades detentoras dessas tradições, garantindo que a ancestralidade seja reconhecida e celebrada de maneira autêntica e ética.

Em suma, a banalização do termo ancestralidade representa um desafio contemporâneo significativo, exigindo uma reflexão crítica sobre como ele é usado e uma conscientização sobre suas implicações culturais e sociais.

Referências

- ALMEIDA, S.. **Tradições Orais e Memória Coletiva: A Voz dos Ancestrais**. São Paulo: Editora Cultura, 2009.
- ANTONACCI, M. A.. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2013.
- BROWN, M. F.. **Who Owns Native Culture?**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

- CARVALHO, F. A. de. **Descentralização da vida literária: teoria, crítica e autoria em tempos de diversidade**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima; Boa Vista: EduFRR, 2021.
- CONNERTON, P.. **How Societies Remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- COUTO, M.. **Terra Sonâmbula**. Maputo: Editorial Ndjira, 1992.
- Dicionário Michaelis. **Ancestralidade**. Editora Melhoramento, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 22/10/2023.
- FERREIRA, A. B. de H.. **Miniaurélio: o mini dicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.
- FONTALES, B.. **Cosmologia Amazônica: Espaço e Ritmo**. Belém: Museu de Arte do Pará, 2015.
- GALLOIS, D. T.. **A Terra dos Mil Povos: História Indígena no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GARCIA, A.. **Ancestralidade e Identidade Cultural: Reflexões Contemporâneas**. Editora Cultura Viva, 2019.
- GOMES, R.. **Ancestralidade e Apropriação Cultural: Moda e a Exploração de Símbolos Tradicionais**. Revista de Estudos Culturais, v. 12, n. 3, p. 40-55, 2018.
- HALBWACHS, M.. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 2006.
- HALL, S.. **Representations: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997.
- JOHNSON, M.. **Memória Coletiva e Transmissão Cultural**. Editora Sabedoria Antiga, 2018.
- KAMBEBA, M. W.. **Literatura indígena: da oralidade à memória escrita**. In: DORRICO, Julie et al. **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica, recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 39-44.
- KRENAK, A.. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A.. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. Digital. 2020. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf>
- LEÃO, F.. **Espiritualidade Ancestral: Conexões com o Divino**. Editora Conexões Sagradas, 2016.
- MARTINS, C.. **Desafios da Apropriação Cultural na Representação da Ancestralidade**. Revista Cultural, v. 25, n. 3, p. 112-130, 2020.
- MARTINS, E.. **Espaço & Ancestralidade de matriz africana em terras caboclas**. 2015. 190 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MIRANDA, A.. **Yuxin**. Editora Brasília Cultural, 2005.
- MUNDURUKU, D.. **O Karaíba**. São Paulo: Global Editora, 2006.

MUNDURUKU, D.. **O Sinal do Pajé**. São Paulo: Global Editora, 2006.

PURI, Z.; CAVALCANTI, A. de H. **Memórias de vida, ancestralidade indígena e artes sagradas como práticas de educação**. *Identidade!*, v. 24, n. 1, p. 80-96, jan.-jun. 2019, São Leopoldo, ISSN 2178-437X. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/download/3558/3160>. Acessado em: 22/10/2023

RIBEIRO, K.. **O Futuro é Ancestral**. *Le Monde Diplomatique*, Coluna Anpof. 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral>

RIBEIRO, M.. **Literatura Indígena: Resistência e Ancestralidade**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

RODRIGUEZ, L.. **Ancestralidade e Festividades: Celebrações Espirituais na Cultura Afro-Cubana**. Havana: Editora Cultural, 2014.

SAID, E.. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SANTIAGO, S.. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

SANTOS, A.. **Ancestralidade: Reflexões sobre um Conceito em Transformação**. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

SILVA, A. L.. **Tarsila do Amaral e a Ancestralidade na Arte Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

SILVA, M.. **Comercialização da Ancestralidade e suas Implicações Culturais**. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2019.

SMITH, J.. **Spirituality and Ancestry: Connecting with the Wisdom of the Past**. New York: Oxford University Press, 2005.

SOUSA, Carla M. de., **Etnicidade e ancestralidade, seus sentidos e significados nas narrativas de “gaúchos” migrados para Roraima** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Pdf.

TURNER, V.. **The Ritual Process: Structure and Anti-Structure**. Chicago: Aldine Publishing Company, 2017.